



Emergência e configuração dos conhecimentos a partir dos processos de interação social em iniciativas agroecológicas

Emergence and configuration of knowledge from social interaction processes in agroecological initiatives

LOURENÇO, Andréia Vigolo¹; MARTINS, Gustavo²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, andreia.vigolo@gmail.com; ²Ação Nascente Maquiné, gustavomartins.asse@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Este trabalho tem por intuito compreender e descrever processos de construção do conhecimento a partir de dinâmicas de interação social. Partimos da hipótese de que, por se tratar de uma multiplicidade de atores, com vivências individuais únicas, isso resulta na emergência e configuração heterogênea desses conhecimentos, ainda que dentro de contextos similares. Com esse intuito, optou-se pela vivência etnográfica junto a doze famílias integrantes da Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL), inserida no sudeste do Rio Grande do Sul. Foi possível interpretar a percepção das famílias sobre o meio, bem como compreender a natureza e dimensão dos conhecimentos. Os resultados evidenciam que os conhecimentos emergem e se reconfiguram não somente a partir das relações sociais, mas da relação das famílias com os diferentes espaços, bem como de suas subjetividades; inferência fundamental para a análise dos processos de construção do conhecimento agroecológico.

Palavras-chave: perspectiva orientada ao ator; etnografia.

Introdução

Este trabalho é resultado de reflexões baseadas na tese de doutorado intitulada “*Praga é inseto com fome! Entre conhecimentos e práticas: um olhar sobre a conservação ambiental a partir de famílias agricultoras da ARPA-SUL*”. Ela teve por objetivo geral “compreender se e como os processos de construção do conhecimento e as práticas de famílias agricultoras da ARPA-SUL reverberam em processos de conservação ambiental”. Dentre os objetivos específicos, uma das questões centrais estava relacionada a “interpretar o processo de construção do conhecimento junto às famílias agricultoras da ARPA-SUL” (LOURENÇO, 2021, p. 24).

Sob o ponto de vista teórico, este trabalho se posiciona em uma perspectiva oposta ao estruturalismo, ao entender que as mudanças sociais não partem exclusivamente de mudanças estruturais (força externa sobre os indivíduos). Sob uma visão interacionista, partimos do pressuposto que essas mudanças são construídas, transformadas e mediadas pelos atores sociais (LONG; PLOEG, 2011); portanto, não possuem uma linearidade pré-determinada. Como foco central da análise, situamos o trabalho no debate sobre os conhecimentos. Portanto, a discussão está focada em uma perspectiva que considera processos interacionistas como força motriz para a emergência e construção do conhecimento, sendo que em



determinados contextos essa dinâmica se torna mais proeminente em função da qualidade e intensidade entre as famílias agricultoras. Ao mesmo tempo, não é possível pensar os conhecimentos como algo idêntico em todas as famílias, por isso a necessidade de compreensão de suas heterogeneidades.

Para compreender como os conhecimentos emergem, são construídos e configurados, lançamos mão da ideia de interface, contextualizada na Perspectiva Orientada ao Ator – POA (LONG, 2001). À luz dessa abordagem, a interface pode ser entendida como um ponto de contato entre indivíduos que podem ter diferentes visões de mundo, recursos, poderes, interesses ou repertórios culturais (GONZÁLEZ; PEREIRA; SOGLIO, 2015). A partir dessa interação, geram-se materialidades na vida de cada indivíduo. Isso permite compreender de que forma os agricultores criam entendimentos, discursos e ações a partir do contexto de interações no qual eles estão inseridos.

Metodologia

Tendo em vista que este trabalho apresenta um recorte dos resultados obtidos a partir da construção da tese de doutorado da primeira autora, lançamos mão de uma breve contextualização dos referenciais metodológicos utilizados. Trata-se de estudo de abordagem qualitativa e natureza aplicada (GODOY, 1995), metodologicamente baseada em coleta de dados dialógica entre pesquisadora e informantes (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Como principal procedimento de coleta dos dados, foi realizado trabalho etnográfico (OLIVEIRA, 1998).

Para a análise, optou-se por estudo junto à ARPA-SUL, entidade que agregava 23 famílias em 5 municípios da região Sudeste do RS: Arroio do Padre, Canguçu, Pelotas, Morro Redondo e Turuçu (LOURENÇO, 2021). Assim, a Associação se configura como o Universo de estudo escolhido para a pesquisa, enquanto os seus núcleos familiares representaram a unidade de análise. A escolha dessa organização justifica-se pela sua trajetória bastante rica em termos de dinâmicas produtivas, de compartilhamento de práticas, de mecanismos de reciprocidade e de organização da comercialização dos seus produtos (MEDEIROS, 2011).

Concebida em 1995, a Associação foi a primeira dentre as associações e cooperativas criadas na região sul do RS (MEDEIROS, 2011). Seu surgimento está contextualizado nos movimentos agroecológicos do estado, potencializados pela atuação das Comunidades Eclesiais de Base. Essas Comunidades tiveram papel central em contribuir com a agregação das famílias em torno de processos de enfrentamento dos desafios resultantes da modernização da agricultura na década de 1970 (MONTEIRO; LONDRES, 2017). Atualmente a entidade também se configura como uma Organização de Controle Social (OCS), cuja participação em outras redes como a Ecovida permite socialização de experiências, articulação com outros atores e o fortalecimento de laços de reciprocidade entre as agricultoras e os agricultores (LOURENÇO, 2021).



Dentro do processo etnográfico junto às famílias da ARPA-SUL, buscou-se compreender a trajetória de cada núcleo familiar e a sua inserção na Associação, bem como interpretar a percepção delas sobre o meio, compreender a natureza e a dimensão dos seus conhecimentos (LOURENÇO, 2021). Dentro do processo etnográfico foi utilizada a observação participante (GODOY, 1995) e duas ferramentas: a Linha do tempo e o Mapa da propriedade (FARIA; NETO, 2006), de forma a compreender a relação das famílias com o agroecossistema e suas interações sociais. Com isso, foi possível traduzir a percepção - a partir da etnografia - para a emergência e configuração dos conhecimentos.

Os conhecimentos emergem e se configuram a partir das interfaces

À luz da POA, o conhecimento surge a partir dos processos de interação social (GONZÁLEZ; PEREIRA; SOGLIO, 2015) que, por sua vez, se traduzem em situações de interface, no sentido atribuído por Long (2001). Nessa interpretação, olhamos para os repertórios de conhecimentos de cada agricultora e agricultor como algo em constante reconfiguração. Isso porque os repertórios vão sendo moldados a partir da observação, reflexão, releitura e experimentação dos conhecimentos que emergem das interfaces (LOURENÇO, 2021).

A interpretação do empírico a partir do conceito de interface revelou múltiplos e diferenciados espaços de interação social: 1) espaços da religião; 2) espaços de lazer; 3) atividades de assistência técnica; 4) cursos e dias de campo; 5) a interação com as Universidades; 6) a integração das famílias em processos institucionais, como no caso do Núcleo Sul da Rede Ecovida e da Comissão de Produção Orgânica (CPOrg) do RS; 7) outros processos de integração, como os projetos de turismo existentes na região; 8) espaços de trabalho coletivos, como os mutirões (LOURENÇO, 2021). Todos esses espaços de interação social representam interfaces que se sobrepõem entre si, se imbricam e complexificam as relações sociais, afetando (de diferentes formas e em diferentes dimensões) os processos de construção do conhecimento. Essas questões são ilustradas na fala do agricultor integrante da ARPA-SUL:

Um ano fizemos uma safra boa de tomate. Mas aprendendo. Às vezes ela começava com uma doença, alguma coisinha assim....a gente não sabia que tinha que abrir um pouco melhor a estufa pra ventilar. E desbrotar o tomate. Aquilo a gente foi aprendendo com outras pessoas, com quem a gente perguntava.

A partir da sistematização dos espaços de interação social, foi possível identificar os repertórios de conhecimentos que foram também traduzidos a partir do processo etnográfico. Analiticamente, esses conhecimentos foram organizados em quatro categorias: 1) os conhecimentos astronômicos e seus ciclos; 2) os conhecimentos sobre o clima e o tempo; 3) os conhecimentos sobre a saúde das plantas e dos animais; 4) os conhecimentos integrados.



Os conhecimentos astronômicos e seus ciclos estão vinculados à percepção das famílias em relação às implicações das fases da lua na dinâmica de crescimento das plantas. Eles funcionam como um direcionador de práticas, buscando organizar o processo produtivo dentro do agroecossistema.

Os conhecimentos sobre o clima e o tempo vão desde a compreensão do clima local, como as variações dentro do agroecossistema, através da percepção dos “microclimas”. Um exemplo seriam os conhecimentos relacionados aos tipos de nuvens como indicadores de alterações no tempo. A observação das nuvens direciona para ações de manejo, principalmente quando há previsão de chuva e geada.

O conhecimento sobre a saúde das plantas e dos animais envolve a percepção das famílias agricultoras frente às respostas das plantas e ao comportamento dos animais. Um exemplo interessante está relacionado à observação dos animais frente a determinados alimentos, bem como suas preferências e respostas produtivas. Em uma das famílias, a percepção de que as aves produzem mais ovos quando se alimentam de cascas de amendoim reajustou a prática de alimentação desses animais, além das práticas de produção ao aumentar as áreas de produção de amendoim. Já em relação à produção vegetal, os conhecimentos sobre o ciclo de vida das plantas e sua fisiologia possibilitam organizar ações de manejo, plantio escalonado e ajuste da adubação. Um exemplo disso está no relato de uma das famílias em relação ao ciclo das plantas. Essa família, que produz hortaliças, descreve que plantas de ciclo mais curto, como a rúcula, têm maior exigência de adubação em comparação com plantas de ciclos mais longos, como as brássicas.

Em quarto lugar, os conhecimentos integrados permitem uma percepção holística das interações entre solo, água, plantas, animais e o agroecossistema. Nesse contexto, dois exemplos são emblemáticos. A primeira questão reside na associação entre condições de chuva e frio com processos de compactação do solo. A partir das observações dessas relações por parte das famílias, o solo apresenta maior dificuldade de manejo e de plantio após essa convergência de eventos. Em outro caso, a observação da interação entre plantas e insetos levou à conclusão que essa relação é modulada pela nutrição de plantas; e, portanto, pela relação dela com o solo. Durante uma de minhas conversas com as famílias, um dos agricultores deixou evidente esse conhecimento integrado: *“Quanto mais o solo é equilibrado, as plantas vêm melhor, elas não adoecem tanto... semelhante a uma pessoa. Mas não é muito fácil ter esse equilíbrio.”*

Por sua vez, propomos que esse conjunto de categorias possa ser entendido a partir de uma “constelação de conhecimentos”, como uma ideia metafórica de agrupamento de conhecimentos que só apresentam significado quando observados em interação uns com os outros, dentro de um conjunto mais amplo de repertórios que se inter-relacionam. A constelação de conhecimentos das famílias agricultoras foi assim proposta:



A vivência junto às famílias agricultoras permitiu compreender em que medida as interfaces aportam diferentes dimensões ao processo de construção do conhecimento, tendo em vista a sua diversidade, heterogeneidade e, principalmente, o imbricamento e sobreposição entre os diferentes espaços de interação social. Além disso, permitiu compreender que a constelação de conhecimentos gerados pelas famílias, a partir das interfaces, leva a processos de tradução e aprimoramento desses próprios conhecimentos, sendo eles continuamente reconfigurados a partir de aspectos subjetivos, reflexivos, éticos e contingenciais.

Conclusões

Este trabalho, dentro de um objetivo mais amplo de pesquisa de doutorado, teve por intuito apresentar os principais resultados relacionados ao processo de construção do conhecimento de famílias da ARPA–SUL. Partimos da hipótese de que, por se tratar de uma multiplicidade de atores, com vivências individuais únicas, isso resulta na emergência e configuração heterogênea desses conhecimentos, ainda que dentro de contextos similares. Isso porque o conhecimento emerge, se reconfigura e é compartilhado a partir de processos mais amplos, que vão além da interação social *per se*, envolvendo subjetividades pouco compreendidas ou estudadas.

Buscamos demonstrar que é insuficiente analisar as famílias agricultoras com base apenas nas determinações externas. É essencial enfatizar o seu protagonismo e heterogeneidade de estratégias, suas relações com outras famílias agricultoras, com extensionistas, consumidores e suas próprias comunidades. Nesse contexto, compreender como os espaços de interação se configuram, bem como a relação dos atores com esses espaços, é que dá elementos para entender a relação das famílias com os seus conhecimentos. Além disso, interpretar esse cenário à luz do conceito de interface possibilitou ir além de enxergar as interações sociais. Usando como referência os resultados deste trabalho, pretendemos contribuir para os avanços em relação à compreensão de como as interações sociais contribuem não só para a construção do conhecimento, mas para a sua contínua reconfiguração e, em específico, para gerar dinâmicas de construção do conhecimento agroecológico.

Agradecimentos

Ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo apoio na pesquisa e por proporcionar condições essenciais para o nosso amadurecimento científico. Às instituições de fomento CAPES e CNPq, pelo apoio financeiro. Às famílias agricultoras da Associação Regional de Produtores Agroecologistas da Região Sul (ARPA-SUL), pelo apoio e imensa colaboração com o trabalho de campo, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Ao Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA), pelo apoio na pesquisa.



Referências bibliográficas

FARIA, Andréa Alice da Cunha; NETO, Paulo Sérgio Ferreira. **Ferramentas de Diálogo. Qualificando o uso das Técnicas DRP Diagnóstico Rural Participativo.** Instituto Internacional de Educação no Brasil (IEB), 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. (Série Educação à Distância).

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995.

GONZÁLEZ, Shirley Rodríguez; PEREIRA, Viviane Camejo; SOGLIO, Fábio Kessler Dal. A Perspectiva Orientada ao Ator em estudos sobre Desenvolvimento Rural. **Perspectivas Rurales Nueva Época**, n. 25, p. 101–121, 2015.

LONG, Norman. **Development sociology: Actor Perspectives.** London: Routledge, 2001.

LONG, Norman; PLOEG, Jan Douwe Van der. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura. *Em*: SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio (org.). **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2011. (Série Estudos rurais). p. 21–48.

LOURENÇO, Andréia Vigolo. **“Praga é inseto com fome!” entre conhecimentos e práticas: um olhar sobre a conservação ambiental a partir de famílias agricultoras da Arpa-Sul.** 2021. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

MEDEIROS, Monique. **Diversidade de saberes em situações de interface: a emergência da agricultura de base ecológica entre agricultores familiares no Sul do Rio Grande do Sul.** 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MONTEIRO, Denis; LONDRES, Flavia. Para que a vida nos dê flor e frutos: notas sobre a trajetória do movimento agroecológico no Brasil. *Em*: SAMBUICHI, Regina Helena Rosa *et al.* (org.). **A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil.** Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo.** São Paulo, SP: Brasília, DF: Editora Unesp; Paralelo 15, 1998.